

F

Coutinho

FIAMINGHI E AS CORES DA NATUREZA³

Wilson Coutinho

Esbanjando humor e vitalidade, o pintor Hermelindo Fiaminghi percorre a galeria de Arte São Paulo (rua Estados Unidos, 1456) onde estão 24 pinturas recentes, que estarão expostas para o público, a partir de hoje, às 21 h. Aos 66 anos, Fiaminghi pertence à geração de pintores, que participou ativamente do movimento de arte concreta nos anos 50. Mesmo com este currículo histórico, Fiaminghi não se acha conhecido. "O pintor não é popular nem quando brinca", diz. "Essa geração precisa ser melhor conhecida", opina a marchand e proprietária da Galeria de Arte São Paulo, Regina Boni, 41 anos, que resolveu por, de novo, em circulação a obra de Fiaminghi. "Agora pinto os efeitos da natureza", diz o pintor.

Paulistano do Brás, os avós eram italianos e o pai de Fiaminghi foi professor de decoração de alvenaria no Liceu de Artes e Ofícios, numa época em que prédios e casas precisavam ser engalanados com algo mais que uma fachada ou uma parede lisa. A profissão do pai praticamente acabou como também a que Fiaminghi começou a dar duro depois de se formar na escola onde o pai dava aulas. No início de sua carreira, Fiaminghi trabalhava como litógrafo cromista, dedicando-se à árdua tarefa de passar para a pedra litográfica as cores que seriam reproduzidas. Com a aparição do fotolito a profissão de Fiaminghi desapareceu, mas permitiu-lhe um olho atento às cores. "O que me deu formação de pintor foram as artes gráficas," diz. "O trabalho de litógrafo cromista deu-me o conhecimento e me despertou para a cor", informa com um orgulho de quem acha que a pintura não é algo para abalar nervos de neuróticos: "Sinto-me como um operário."

Não é à toa que o artista que mais o influenciou foi um pintor-operário, Alfredo Volpi. Há 35 anos, Fiaminghi mora numa espaçosa casa no mesmo bairro de Volpi, no Cambuci, zona sul de São Paulo e foi com Volpi que aprendeu a técnica da têmpera que usa nas suas pinturas. "Como Volpi, tenho toda a minha atenção voltada para o fazer da arte", diz explicando que aprendeu com o mestre não só a técnica da têmpera, mas algo mais ousado: a simplicidade. Também uma serena modéstia. "Não tenho a menor ambição de aparecer", confessa.

Dissecação da Paisagem

Na verdade, Fiaminghi não está fazendo um rodizio de exposições como se estivesse numa churrascaria. A sua última mostra foi em 1980 e passou um bom tempo para mostrar sua nova fase. Para quem estava em 1951 preocupado com as questões formais do concretismo, Fiaminghi não fez uma brusca mudança, mas evoluiu lentamente. "Mudar por mudar não quer dizer nada", justifica a lentidão com que passou para a sua nova pintura, embora permaneça na sua obra as lições do concretismo. A novidade,

³ Este artigo foi parcialmente reproduzido em Luzes da natureza na arte de Fiaminghi, *Folha da Tarde*, São Paulo, 7 maio de 1980.

al

porém, é que o artista foi buscar inspiração num movimento do século passado, o impressionismo. Na exposição, contudo, ninguém verá paisagens onde se procura captar as mutações e irradiações da luz. Nas suas "Despaisagens retícula corluz" título de dez telas, a natureza é dissecada para que brotem os efeitos da cor. Nas oito telas chamadas "Corluz" a idéia da paisagem é bem menor. Os jogos de luz e cor fundem-se nas pinceladas nuançadas que a têmpera permite. Fiaminghi ainda usa nas suas têmperas um veículo chamado "damar", uma resina indiana que permite mais luminosidade e transparência. Fiaminghi trabalha ainda com a retícula e foi um dos introdutores do método no Brasil, lições de quando trabalhava como litógrafo. As únicas concessões à figura são homenagens aos seus companheiros de concretismo, os poetas Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos e o fiel mestre, Volpi. Fiaminghi pintou, com fortes retículas, o rosto dos quatro.

Essa experiência com a natureza começou a três anos quando o artista na sua casa de campo em Eldorado, a trinta quilômetros de São Paulo, começou a observar a luz que caía sobre os matos do seu sítio. Ele observou a refração da luz e primeiro começou a registrar suas alterações, munido de uma máquina fotográfica, desistindo da câmera porque o seu interesse não era o de captar nenhuma realidade luminosa. Preferiu manter suas paisagens no inconsciente e deixar que a paleta deslizasse sobre as telas, deixando escorrer o que não era visto, mas o que tocava sua sensibilidade. "O fenômeno de observação é o mesmo de um impressionista. O que eu queria era, ao contrário, bem diferente. Queria o efeito. Meu desejo não foi de imitar a natureza," explica. Ninguém vai encontrar, na mostra, uma paisagem com árvores frondosas e abundância de folhas. O efeito plástico que Fiaminghi busca está nas sutis camadas de transparências. "A paisagem pinta a pintura. A pintura pinta a paisagem", resume o artista procurando demonstrar para o espectador que é preferível ver a passagem de um azul para o vermelho do que encontrar – o que não vai conseguir – o caule de uma flor.

[..]

Excerto crítico publicado na *Folha de S. Paulo*, 8 maio 1986.